

O canto no candomblé – música, cultura e identidade.

Sara J. da Silva

Mestranda pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia - UFBA

E-mail: saralandun@hotmail.com

RESUMO: Esse artigo baseia-se em um capítulo da Dissertação de Mestrado O Canto no Candomblé de Salvador. A necessidade dessa investigação surge a partir da importância de contemplar outras formas de expressões de música vocal que reflitam a composição multicultural de uma coletividade. O canto, bem como a forma como ele é executado e como modo de expressão e comunicação de um determinado coletivo, pode, naturalmente, trazer à tona características de uma identidade na música vocal própria à cultura das religiões de matriz africana.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, Canto. Candomblé.

ABSTRACT: This article is based on a chapter of the dissertation *Singing in Candomblé from Salvador*. The idea of this research came up from the need to observe other forms of vocal music expressions which reflect the multicultural make up of a group. Vocal music, as well as its execution format as a way of expression and communication of a group, can bring up typical characteristics of vocal music identity of African religion traditions.

KEYWORDS: Identity, Vocal Music, Candomblé

A necessidade dessa investigação surge a partir da importância de contem plar outras formas de expressões de música vocal que reflitam a composição multicultural de uma coletividade construída a partir de uma perspectiva cultural multi -étnica e, portanto, com multiconformações do comportamento e expressão musicais, possibilitan do a reflexão e tipificação de estilos vocais no canto do Candomblé da Bahia.

Nesse sentido, o Candomblé mais que uma religião é uma organização muito mais abrangente e é um dos mais legítimos exemplos do que denominamos como modelo de resistência e de identidade cultural¹. Acredito que o conceito de análise da cultura defendido por Stuart Hall, no sentido de que a teoria da cultura deve girar em torno do “estudo das relações entre elementos em um modo de vida global” tendo como o propósito da análise o que o próprio autor define como “a tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos [...] é entender como as inter-relações de todas essas práticas e padrões são vividas e experimentadas como um todo, em um dado período: essa é sua ‘estrutura de experiência’ [*structure of feelin*]².

É notadamente conhecido que apesar da contribuição dos afrodescendentes na construção da cultura do povo brasileiro o não reconhecimento desses saberes gera, provavelmente, os preconceitos cunhados em discursos coloniais provocadores de pensamento de exclusão e de discriminação dos valores positivos das religiões de matriz africana. Clifford Geertz afirma que a cultura é um “documento de atuação, é, portanto pública [...]”.³ Nesse sentido, ele propõe que o que devemos nos perguntar é qual a sua importância e o que ela está transmitido. É possível sugerir que a ausência de pesquisas em outras formas de expressão vocal seja responsável pelo não reconhe cimento de

1 AUGEL, 2000, p. 310

2 HALL, 2006, p.128

3 GEERTZ, 1989, p.20-21

outros sistemas vocais que configurem uma variedade de estilos e interpretações musical. O canto como forma de expressão do sentimento, do pensamento e do espírito humano, traz modelos que refletem atitudes, estratégias de sobrevivência e necessidades específicas inerentes a uma determinada realidade, onde, além dos recursos naturais, o modo de organizar e de transformar a vida, em sociedade, definiu a possibilidade de superação dos conflitos e tensões gerados em sua vida social⁴.

Stuart Hall chamou de contradição da cultura colonial “de como a gente sobrevive à experiência da dependência colonial, de classe e cor e de como isso pode destruir você subjetivamente.”⁵ Em consonância com Hall, Moema Parente Augel em seu artigo A Fala Identitária observa com propriedade que empenhar-se na ascensão social significa o massacre da identidade afro-brasileira. Ela afirma que: tomando o indivíduo branco como modelo de identificação de si, aparentemente única possibilidade de tornar-se aceito nos espaços acadêmicos e intelectuais, muitos afrobrasileiros vêm-se submetidos a exigências que os levam à recusa, à negação de valores próprios.

Joseph Kerman afirma que a maioria dos estudiosos provém da classe média. Sendo provável que sejam os valores da classe média que eles projetam e buscam proteger, e que, a música erudita ocidental tem sido desde o século XIX a província da classe média. E continua afirmando que “existe quase sempre subentendido o ímpeto para preservar e alimentar tradições com que o estudioso pode associar-se ou identificar-se ou que, pelo menos, contribuiu historicamente para tais tradições. Estas, como já foi sugerido, têm fortes probabilidades de serem controladas por ideologias de classe, tanto quanto por ideologias nacionalistas e religiosas⁶.”

A música brasileira apresenta uma riquíssima variedade de práticas vocais. Em 1950 Oneyda Alvarenga já afirmava que o canto das diversas feitiçarias afro-brasileiras tem uma grande importância no estudo da nossa música popular. Nesse sentido, poder-se-ia pressupor que a ausência de possíveis diálogos entre a prática musical acadêmica é uma das causas do distanciamento desses universos musicais na medida em que

4 SANTOS, 1983, p. 19

5 HALL, 1996, p. 390

6 1987, p.38-39

segmentariza a produção musical distinguindo aqueles que faz em música erudita, aqueles que fazem música popular e os grupos que consomem este ou aquele estilo musical. Sem um diálogo e sem se encontrarem essas práticas tornam -se estranhas entre si. Uma não comunicação impossibilitando a troca de experiências, tão necessária a uma sociedade multicultural.

Para Antonio Gramsci um dos significados da cultura é a organização e a disciplina do eu interior e, por isso, a pessoa pode alcançar, com auxílio da cultura, uma consciência mais elevada que a ajudará a compreender o seu valor histórico e a sua função na vida com os seus direitos e deveres. Alargando o pensamento gramsciano para a compreensão da importância da cultura no processo da tomada de consciência do valor histórico, e, procurando estabelecer uma ponte com a proposta de Clifford Geertz de que a cultura deve ser um instrumento público, seria possível inferir que o estudo das diversas expressões culturais tem central importância na perspectiva da compreensão da multiplicidade musical que constitui a cultura baiana, bem como o redimensionamento do valor desse patrimônio imaterial. E alargando esse pensamento é necessário acrescentar que para Stuart Hall a cultura não é apenas a soma dos costumes das sociedades, e, sim, que ela está permeada por todas as práticas sociais sendo um modelo de organização e que podem ser reveladas “dentro de identidades e correspondências inesperadas”, assim como em “descontinuidades de tipos inesperados[...].”⁷

A Etnomusicologia como ciência que estuda a música dentro das culturas e a Educação como a forma como é realizado o aprendizado musical, ambas inseridas na perspectiva da compreensão das relações sociais e seus códigos, são fundamentais para entender a cultura. Bruno Nettl conclui que os etnomusicólogos da atualidade parecem concordar que as culturas musicais estão em processo de movimento constante, ao contrário, do que se acreditava como premissa de que a música continha uma possível continuidade e transformações só aconteceriam em situações excepcionais. “Se admitirmos que a identidade é uma construção social, a única questão pertinente: Como, por que e por quem, em que momento e em que contexto é produzida, mantida ou questionada certa identidade particular?” A identidade é o resultado dos processos de

⁷ HALL, 2006 p. 128

construção social e, na medida em que a formação do social tem seu grau de complexidade ela, como resultante dessa construção, traz e faz parte desta complexidade.

Denys Cuche afirma que o processo de identificação mostra que a diferenciação produz o que é denominado de fronteira, ou seja, os limites entre o outro e nós mesmos. Esta fronteira ou separação é causada pelo desejo que um coletivo tem de se diferenciar, bem como o uso que ele faz de alguns traços culturais que marcam uma identidade específica. As fronteiras, devido ao seu caráter não imutável, dadas as mudanças sociais, carrega em si um certo deslocamento de seus componentes. Nessa direção minha proposta leva em conta o estudo desses deslocamentos para explicar as possíveis variações de identificação dos limites dos estilos vocais do canto. Igualmente, encontrar as características da diferenciação é necessário dado a multidimensionalidade da identidade numa perspectiva de recusa à homogeneização porque esta é mortífera para a realidade psíquica e cultural. É necessário levar em conta o conceito de etnicidade como um processo positivo de identificação que utiliza mecanismos de interação que se apropriam da cultura de forma estratégica e seletiva para manter ou questionar as “fronteiras” coletivas.

Essa pesquisa colabora para que outros estilos vocais sejam pesquisados sem os preconceitos culturais que hierarquizam o fazer artístico nos contextos sócio -culturais. O acesso ao conhecimento democratiza a informação e ressignifica valores culturais que permanecem à margem dos processos de inserção institucional, bem como cumpre com o dever acadêmico que é o de retornar à sociedade os resultados dos esforços realizados pela pesquisadora.

O resultado obtido dentro do conceito de resistência cultural como um processo de preservação do patrimônio cultural imaterial no fazer do cotidiano da música vocal do candomblé em Salvador é representativo da multiculturalidade em nossa sociedade, bem como da necessidade de construirmos espaços que reafirmem ao mesmo tempo os significados e valores de uma convivência multicultural para que não anulemos as diferenças culturais numa tentativa de homogeneização.

AUGEL, 2000, p. 310

BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, Oneyda. Música Popular Brasileira. Rio de Janeiro , Pará, São Paulo: Ed. Globo, 1950, v.2.

ARAÚJO, Samuel. Diálogos entre a acústica musical e a etnomusicologia: um estudo de caso de estilos vocais no samba carioca. In: PER MUSI: Revista de Performance Musical. Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG, 2003, v.7, p, 52-67.

AUGEL, Moema Parente. A fala Identitária: teatro afro-brasileiro hoje. In: Afro- Ásia. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, 2000, v.24, p. 291-321.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1982 , p.31-64.

----- . A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 37 -106.

CREHAN, Kate. Gramsci sobre a cultura. In: CREHAN, Kate. Gramsci, cultura e antropologia. Lisboa, Campo da Comunicação, 2004, p. 91 -187.

CUCHE, Denys. A Noção de cultura nas Ciências Sociais. Bauru: EDUSC, 2002.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GADAMER, H.G. Verdade e Método. Petrópolis: Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro. Guanabara, 1989.

GRAMSCI, Antonio. A formação dos intelectuais. In: GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 3 -23.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Revista Brasileira de Educação. Educação e Realidade n.2. LARAIA: Porto Alegre: 1997, v. 22, p. 15-46.

----- . Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais . Belo Horizonte: UFMG, 2006.

KERMAN, Joseph. Musicologia. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1987;

KURT, Pahlen. *História Universal da Música*. 2ª Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965;

MARIZ, Vasco História da Música no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

MASSIN, Jean e Brigitte. História da Música Ocidental. Nova Fronteira, 1997.

NETTL, Bruno. O estudo comparativo da mudança musical: Estudos de caso de quatro culturas. In: Revista Antropológicas, ano 10, 2006, v. 17, p. 11 -34. Disponível em:

<[www.ufpe.br/revistaanthropologicas/internas/volume17/artigo%201%20\(Bruno%20Nettl\).pdf](http://www.ufpe.br/revistaanthropologicas/internas/volume17/artigo%201%20(Bruno%20Nettl).pdf)>. Acesso em 23 nov. 2007.

OLIVEN, George Ruben. A Parte e o Todo. A diversidade cultural no Brasil . Petrópolis: Vozes, 2006.